

Os Estudos Medievais no Brasil e a *Internet*: uma análise do uso dos recursos virtuais na produção medievalista (1995 a 2006)

Profª Drª Leila Rodrigues da Silva / UFRJ
Profª Drª Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva/ UFRJ

Resumo: Nos últimos onze anos é crescente a utilização da *Internet* no Brasil. Dentre os múltiplos usos, destacamos os para fins acadêmicos. Centros de estudo, universidades e pesquisadores criaram e mantêm *sites* em todo o mundo, disponibilizando materiais diversos, como livros, periódicos, Atlas, Dicionários, Cursos *on line* etc. Este artigo traça algumas considerações sobre o impacto da *Internet* nos estudos medievais na última década (1995 a 2006), por meio da análise de algumas das publicações da área no período, bem como destaca as potencialidades desse instrumento na ampliação da pesquisa medieval no Brasil.

Palavras-chaves: *Internet*- Estudos Medievais no Brasil - Pesquisa

O objetivo deste artigo é traçar algumas considerações sobre o impacto da *Internet* nos estudos medievais na última década (1995 a 2006), por meio da análise de algumas das publicações da área no período, bem como destacar as potencialidades desse instrumento na ampliação da pesquisa medieval no Brasil.

É lugar comum afirmar que a *Internet* possibilita a troca de informações entre especialistas das diversas áreas do conhecimento. Contudo, precisamos sublinhar que, no que concerne aos Estudos Medievais no Brasil, tal afirmativa assume uma dimensão particularmente relevante. Ou seja, o medievalista brasileiro, em geral, luta contra o que poderíamos denominar de “complexo de inferioridade”, já que longe dos grandes centros de produção acadêmica que se dedicam, prioritariamente, ao estudo do mundo medieval, assim como distantes dos arquivos e fontes primárias em geral, corre o risco da condenação à mediocridade. A superação dessa situação envolveu, durante muito tempo, um longo e dispendioso investimento relacionado com viagens à Europa, compra de livros estrangeiros oferecidos nas livrarias brasileiras e, portanto, muito caros, e o estabelecimento de contatos – nem sempre de fácil realização – com especialistas estrangeiros, concretizados, mormente por cartas, em encontros acadêmicos de caráter internacional ou em estadias no exterior.

Desde que o interesse acadêmico pela Idade Média se afirmou no Brasil, durante a década de 80, a historiografia francesa tem ocupado o papel de centro quase exclusivo de referência para os estudiosos brasileiros. Esse fenômeno pode ser parcialmente explicado pelo fato de que grande parte da bibliografia sobre esse período traduzida para o português provém daquele país. Disso decorre, entre outros aspectos, que apesar da maioria das pesquisas desenvolvidas no Brasil privilegiarem reflexões sobre a Península Ibérica Medieval, realizavam-no a partir da perspectiva metodológica francesa.

Para montarmos um panorama do impacto da *Internet* nos estudos medievais no Brasil, selecionamos e analisamos algumas publicações coletivas da área nos últimos 11 anos. Com o grande crescimento do medievalismo brasileiro no período assinalado, também se ampliaram as publicações. Para montarmos a nossa amostragem dos dados, contudo, optamos por analisar o conjunto de atas de dois eventos acadêmicos de caráter nacional, que ocorrem periodicamente, e só agregam medievalistas. Assim, examinamos as cinco atas dos encontros internacionais promovidos pela ABREM, *Associação*

Brasileira de Estudos Medievais,¹ a única associação de caráter acadêmico que reúne especialistas de todo o país e conta, atualmente, com cerca de 500 membros,² e as atas das semanas promovidas pelo *Programa de Estudos Medievais* da UFRJ, que privilegiam a participação de alunos em diferentes níveis de formação. Consideramos esses materiais uma amostragem das pesquisas na área, já que apresentam tanto os especialistas renomados, como os alunos de graduação e pós-graduação das áreas de História, Literatura, Filosofia, Direito, Artes. Sublinhamos que entre os autores dos textos referidos há também estudiosos portugueses, espanhóis, chilenos, uruguaios e argentinos, mas só levantamos informações dos textos de autoria de brasileiros. Os dados inventariados foram: identificação do recorte espacial das pesquisas, presença de autores franceses citados/apresentados na bibliografia, menção a *sites* acadêmicos citados/apresentados.

O I Encontro da *Associação Brasileira de Estudos Medievais* aconteceu na Universidade de São Paulo, em 1995. Também data desse ano a publicação das atas. Nela se encontram 3 conferências ministradas por brasileiros, 5 relatos de pesquisas em andamento³ e 34 comunicações, perfazendo o total de 42 textos elaborados por especialistas brasileiros, de diferentes áreas do saber e com diferentes níveis de formação acadêmica. Mais da metade dos trabalhos publicados referem-se a questões relacionadas à Península Ibérica medieval. Nenhum autor menciona *sites* da *internet*, mas 24, ou seja, mais da metade dos autores citam franceses. Dentre os referendados destacam-se Le Goff, Georges Duby, Vovelle, Pernoud, Braudel, Rucquoi e Foucault.

Em 2001 foram publicadas as Atas do III *Encontro Internacional da Associação Brasileira de Estudos Medievais*. O evento fora realizado em 1999, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Nas atas constam 2 conferências, 7 relatos sobre o desenvolvimento dos estudos medievais no país (que não analisamos, por não se tratarem de resultados de pesquisa) e 58 comunicações de medievalistas brasileiros,

¹ As atas do II Encontro Internacional de Estudos Medievais não reuniram todos os trabalhos apresentados no evento. Elas foram publicadas no volume 21 da revista *Humanitas*, editada pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A publicação, em dois tomos, está dividida em *Dedicatórias*, *Homenagens* e *Conferências*. Dos textos publicados, só dois são de autorias de brasileiros: um discute a existência de um movimento neotrovadorista brasileiro e outro faz um balanço geral dos estudos medievais no país. Ou seja, tais textos não apresentam relatos de pesquisa em andamento sobre o medieval. Neste sentido, essas atas ficaram fora da nossa amostragem.

² Desde o IV EIEM a apresentação de trabalhos foi restrita a especialistas já qualificados ou alunos de pós-graduação.

³ Um desses relatos foi escrito por três pessoas.

entre pesquisadores doutores, doutorandos e mestrandos. A grande maioria dos textos versa sobre temáticas hispânicas, cerca de 45%. Mas vale salientar que há muitos trabalhos que tratam das reminiscências do medievo na cultura contemporânea, cerca de 30% do total. Dos 67 trabalhos publicados, 37, ou seja, mais da metade, citam autores franceses, em especial Duby, Le Goff e Pernoud. Há que ressaltar, ainda, que nenhum menciona *homepages*.

Em 2003 foram publicadas as Atas do IV *Encontro Internacional da Associação Brasileira de Estudos Medievais*. A atividade, realizada em 2001, foi organizada na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Nas atas constam 5 conferências, sendo 3 de brasileiros, e 76 comunicações referentes a pesquisas desenvolvidas em instituições brasileiras. A maior parte dos textos vincula-se a temas hispânicos, cerca de 43% do total. A tendência, presente nas atas anteriormente analisadas, de grande incidência de temáticas vinculadas às reminiscências do medievo na cultura contemporânea se mantém. Os autores franceses também estão particularmente citados. Eles aparecem em praticamente metade dos textos publicados. A utilização de *homepages* e recursos relacionados à Internet ainda é muitíssimo baixa: apenas um trabalho faz referência a *sites*.

O V *Encontro da Associação Brasileira de Estudos Medievais* foi organizado na Universidade Federal da Bahia, no ano de 2003. As atas, publicadas em 2005, reúnem 84 trabalhos associados a pesquisas desenvolvidas no Brasil. Ainda que a predominância de temas relacionados à Península Ibérica se mantenha, aparece de forma menos acentuada que a apontada para as atas do evento anterior. Assim, aproximadamente 27% dos textos se voltam para tais questões. Curiosamente, o mesmo percentual pode ser verificado em relação à alusão a autores franceses. O número de menções a *sites* da *Internet* e correlatos cresceu para 5.

A III Semana do *Programa de Estudos Medievais* da UFRJ foi o primeiro evento deste núcleo de pesquisa a resultar em atas. Realizado em 1995, contou com a participação de 19 estudiosos da Idade Média. Os temas tratados variam consideravelmente, não havendo, portanto, uma recorrência temática que mereça destaque. Praticamente todos os autores citam ou se baseiam em historiadores franceses, cabendo apenas a três comunicadores a ausência de menções a este grupo. Braudel,

Marc Bloch e Le Goff são inegavelmente os mais utilizados. Não há uso explícito da *Internet* e de seus recursos.

As atas da *IV Semana de Estudos Medievais* foram publicadas em 2001, mesmo ano da realização do evento. Neste material estão presentes 53 textos, 5 da autoria de 3 professores doutores⁴ e 48 elaborados por 49 alunos, entre graduandos e pós-graduandos.⁵ A grande maioria dos textos, cerca de 40%, tratam de temas relacionados à Península Ibérica e só 2 sobre a região hoje identificada como França. Entretanto, só 10 autores não citam autores franceses em suas notas e bibliografia. Dentre os mais citados, encontram-se Duby, Le Goff, Vauchez, Certeau e Chartier. Esses últimos, apesar de não serem medievalistas, figuram para dar embasamento teórico-metodológico às análises. Quanto aos materiais virtuais, 3 autores mencionam *sites*.

As atas da *V Semana de Estudos Medievais* foram publicadas em 2004, ano seguinte da realização do encontro. Nelas estão presentes 44 textos, 2 de autoria de professores convidados e os demais de alunos, entre graduandos e pós-graduandos. Mais de 50% dos textos dizem respeito a temas circunscritos à Península Ibérica, enquanto apenas 3 voltaram-se para a França. Desse conjunto, contudo, mais da metade citam autores franceses em suas notas e bibliografia. No que tange ao uso da *Internet* e materiais virtuais de um modo geral, 6 autores foram identificados.

As atas da *VI Semana de Estudos Medievais*, publicadas recentemente, reúnem os trabalhos apresentados no evento realizado em 2005. Constam no referido material 55 artigos, dos quais 4 foram produzidos por professores convidados. Os demais textos, 51, conforme orientação adotada nos encontros bianuais do *Programa de Estudos Medievais*, são de autoria de alunos, entre graduandos e pós-graduandos. Cerca de 27% dos textos estão voltados para a análise de temáticas concernentes à Península Ibérica. Assim como nos eventos anteriores, observamos uma considerável concentração em torno dos temas peninsulares. A historiografia francesa, contudo, permanece predominante. Dos trabalhos apresentados, 29 recorrem a autores dessa tradição. Como era de se esperar, a utilização da *Internet* cresceu, desse modo, 9 autores fazem menção ao seu uso e recursos.

⁴ Um dos professores doutores convidados ministrou uma série de três conferências sobre a mesma temática central.

⁵ Também apresentaram trabalhos no evento alunos que concluíram seus cursos no ano anterior.

Acreditamos que a crescente popularização do acesso à *Internet* pôde contribuir para mudar o panorama dos estudos medievais no Brasil nos últimos anos. Aos poucos constatamos que as limitações impostas pelas distâncias, antigo problema para o intercâmbio entre os especialistas brasileiros e estrangeiros, assim como a escassez dos recursos até então disponíveis, não se impõem mais como entraves. Concomitantemente, verificamos um interesse por temas outros que não àqueles preferencialmente inspirados nos franceses.

Esse último aspecto remete-nos ainda a uma outra discussão, que embora não objetivemos aqui travar, há que ser lembrada, qual seja: em que medida as propostas francesas ofuscaram outras abordagens de pesquisa? Até que ponto, durante muito tempo, inibiram nossa capacidade ou interesse na busca de contatos com especialistas de outros centros? O fato é que o consenso em torno da exclusiva autoridade francesa já não existe.⁶ Um exemplo de campo de estudo desenvolvido no medievalismo brasileiro a partir de 1995, sem qualquer referência direta com a produção francesa, são os Estudos de Gênero calcados nas propostas das americanas Joan Scott e Jane Flax.

Não desejamos atribuir de forma reducionista essa perda de hegemonia às “maravilhas” da *Internet*. Tal simplificação desconsideraria a inegável influência que medievalistas da categoria de Jacques Le Goff e Georges Duby exerceram, e ainda exercem, em pesquisas desenvolvidas, particularmente, em Portugal e na Espanha. Deveria ainda apontar para algum tipo de desqualificação da investigação francesa, na medida em que condicionaria sua hegemonia às dificuldades de circulação de informação. Não é esse nosso propósito.

Na verdade, mais do que salientar aspectos da produção francesa, desejamos realçar, a despeito da ainda ampla utilização da bibliografia francesa, nossa trajetória cada vez menos dependente dela. A isso, sim, podemos atribuir inegável papel à *Internet*. A existência de espaços especializados em temáticas medievais e a alimentação sistemática dos mesmos com informações atualizadas provenientes de todas as partes do mundo é um dado concreto. O volume de material existente ao nosso dispor tem crescido consideravelmente e o que em princípio poderia ser identificado

⁶ O predomínio da influência francesa na produção historiográfica brasileira não se limita ao medievo. Em seu livro, *História Cultural*, Francisco Falcon abre um item, intitulado *Pluralidade dos universos historiográficos*, no qual alerta que “... a produção historiográfica contemporânea não se resume ou se restringe ao que se contém no universo historiográfico (francês) dos *Annales/Nouvelle Histoire*.” FALCON, Francisco. *História Cultural*. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p. 50.

como mais um modismo, aos poucos apresenta-se como fonte imprescindível aos nossos estudos.

Assim, a realização hoje de qualquer pesquisa na área dos estudos medievais pressupõe, não apenas as etapas antes consagradas como indispensáveis, como a formulação de problemas, a discussão teórica, a busca das chamadas fontes primárias e o levantamento bibliográfico nas bibliotecas, entre outros, mas também a consulta aos *sites* especializados e o ingresso em listas de discussão. Vale salientar que tal consulta objetiva não somente complementar as já tradicionais etapas, anteriormente mencionadas, mas, sobretudo, surge como possibilidade de acesso ao que se discute e produz, no momento, sobre o objeto de estudo eleito. Nesse sentido, as listas de discussão acadêmicas tornam-se um espaço privilegiado, já que são enriquecidas continuamente com as mais variadas questões e permitem uma troca rápida e direta entre os interessados nos mesmos e correlatos temas.

Ainda que existam listas de discussão não acadêmicas, conhecidas como grupos de notícias, dentre as quais, no campo da História Medieval, a mais popular é a *soc.history.medieval*,⁷ queremos nos deter, unicamente, no papel das listas de caráter acadêmico. No Brasil, a pioneira foi a gerida pelo *Programa de Estudos Medievais* da UFRJ. A ela somaram-se outras, como a da *Associação Brasileira de Estudos Medievais* – ABREM. No *site* organizado por Edwin Duncan⁸ podem ser identificadas aproximadamente cinquenta listas com seus respectivos temas centrais de interesse.⁹ Destacamos, ainda, que existem páginas na *Internet* que facilitam a busca de listas de discussão, e que não se limitam ao período medieval.¹⁰

Na medida em que se apresentam como possibilidade de intercâmbio entre especialistas e atualização constante quanto a temas de pesquisas em desenvolvimento, as listas de discussão são aliadas importantes para os que queiram estar sintonizados com as investigações, os debates, a produção historiográfica e os problemas partilhados por estudiosos de diversas regiões do mundo. Por meio destas listas é possível ter acesso a dados e discussões de naturezas diversas. Entre outros, podemos ressaltar:

⁷ Disponível em <http://www.ibiblio.org/usenet-i/groups-html/soc.history.medieval.html> .

⁸ Disponível em <http://pages.towson.edu/duncan/acalists.html> .

⁹ Faz-se importante destacar que as listas mantêm *sites* nos quais ficam armazenadas todas as mensagens recebidas. Estas podem ser consultadas a qualquer momento.

¹⁰ Um exemplo deste tipo de *site* é o LIST (www.tile.net/lists).

a) relatos de experiências no campo do ensino da História Medieval, com sugestões para a elaboração de programas de disciplinas e de leituras para serem ministradas aos alunos;

b) informações sobre pesquisas em andamento ou concluídas;

c) consultas para esclarecimentos em geral, tais como as decorrentes das dificuldades na tradução de textos latinos; dúvidas surgidas no estudo de novos temas; questões suscitadas a partir de investigações arqueológicas, análise iconográfica, leitura de fontes ou, mesmo, problemas relacionados à computação;

d) notícias sobre novas *homepages* e listas de discussão especializadas, bem como convocatórias sobre reuniões de caráter científico, concursos ou chamadas de periódicos;

e) conhecimento dos mais novos lançamentos editoriais no campo dos estudos medievais por intermédio de referências bibliográficas completas e, em alguns casos, de resenhas. Muitas revistas e jornais também informam às listas o sumário dos volumes editados;

f) discussão de aspectos teóricos e metodológicos relacionados aos temas medievais.

As listas de discussão acadêmica são, portanto, espaços interativos, pois permitem o estabelecimento de debates entre especialistas de diversas áreas e em diferentes níveis de formação; dinâmicas, já que recebem informações novas a cada minuto; informais, pois em uma lista, todos se consideram como participantes de um mesmo grupo, partilhando das mesmas dificuldades e, principalmente, reconhecendo que outros podem auxiliá-los. Além disso, as listas de discussão colocam em contato dezenas de pessoas, desde estudantes de graduação a especialistas em temas específicos, dos mais diversos países.

Dentre as vantagens vinculadas ao acesso às listas de discussão, há que se ressaltar, ainda, que por intermédio do diálogo com pesquisadores de todo o mundo, podemos perceber que muitos dos problemas que consideramos como próprios de nossa universidade ou país são comuns a outros centros. Também constatamos que muitas das nossas práticas acadêmicas, em especial no campo do ensino, são semelhantes às desenvolvidas por nossos colegas da América do Norte ou Europa. E por fim, verificamos que nossas dúvidas e deficiências são partilhadas por diversos outros

indivíduos, ainda que atuem em universidades muito mais bem aparelhadas do que as nossas.

Uma variação das listas abertas de discussão acadêmicas são as organizadas visando objetivos ou públicos alvo específicos, como as criadas para atender aos alunos e uma dada disciplina ou grupo de pesquisa. Já temos desenvolvido essa experiência há alguns anos. As associações são credenciadas pelo coordenador do projeto/professor e permitem o diálogo constante entre o grupo, mesmo após às aulas ou reuniões de pesquisa e orientação. Os grupos podem ser criados em páginas especializadas e gratuitamente, e permitem o envio e armazenamento, por exemplo, do programa da disciplina, mapas, textos, envio de trabalhos, consultas de caráter diverso. Essas listas/sites podem ser deletadas após o término da disciplina ou da pesquisa. Cabe ao moderador do grupo transformá-la em uma lista pública ou aberta e definir as regras para envio e recebimento de mensagens, dentre outras possibilidades. Trata-se de um excelente recurso didático de apoio às atividades de pesquisa e ensino.

Além das listas de discussão acadêmica, que outros elementos podem ser encontrados na *Internet* que possam fornecer instrumentos e ampliar as pesquisas e o ensino sobre a Idade Média no Brasil? A seguir, apresentaremos uma tipologia dos recursos com os quais nos deparamos em nossas pesquisas pela *Web*.¹¹

- a) Instrumentos de pesquisa. Aqui identificamos os conhecidos *sites* de busca, como *Google*;¹² *Google Acadêmico*,¹³ *Cadê*;¹⁴ *Dog Pile*;¹⁵ *Altavista*.¹⁶ Embora não sejam específicos para a pesquisa acerca de temas medievais, sua utilização é extremamente útil também a este fim.
- b) *Sites* de Departamentos, Institutos de Pesquisa e Associações dedicados aos estudos medievais em todo o mundo. Além de endereços virtuais e não virtuais, tais *sites* podem fornecer informações detalhadas sobre esses centros acadêmicos. Muitos disponibilizam textos *on line*.
- c) Páginas mantidas por periódicos. Muitos jornais e revistas acadêmicas, especializadas em História, Filosofia, Teologia e Literatura

¹¹ Utilizamos o termo tipologia pois não pretendemos apresentar endereços de sites, mas apontar uma classificação dos materiais relacionados à História Medieval que podem ser encontrados na *Internet*.

¹² Disponível em <http://www.google.com.br/>

¹³ Disponível em <http://scholar.google.com.br/>

¹⁴ Disponível em <http://br.cade.yahoo.com/>

¹⁵ Disponível em <http://www.dogpile.com/>

medievais, mantêm páginas na *Web* para divulgar os temas publicados em cada um dos seus números, bem como receber novas assinaturas. Alguns disponibilizam resumos ou textos *on line*.

d) Revistas eletrônicas. Alguns periódicos só podem ser encontrados na própria *Web*, visto que são eletrônicos. Atualmente, o número existente de tais publicações é relativamente grande.¹⁷ Ao que tudo indica, sobretudo devido ao baixo custo de sua criação e manutenção, estes meios tenderão a crescer.

e) Mapas. Podemos encontrar diversos mapas históricos voltados para a Idade Média nas páginas da *Internet*. Há, inclusive, Atlas Históricos Completos *on line*.

f) Dicionários e Enciclopédias. Estão disponibilizados pela *Internet* vários Dicionários Históricos e de Línguas Antigas e Enciclopédias de grande interesse para os medievalistas, tais como a Enciclopédia Católica.¹⁸

g) Cursos de línguas. Pela *Internet* é possível acessar cursos e materiais, em geral, sobre a língua latina e outras empregadas durante a Idade Média.

h) Programas de cursos. Muitas universidades e pesquisadores mantêm *sites* com programas de cursos relacionados ao mundo medieval. Este material permite verificar que temas, textos selecionados e métodos de avaliação são privilegiados pelos professores das mais diversas universidades. Verificamos, por exemplo, que no caso das universidades americanas, são oferecidas, com regularidade, disciplinas que possuem como objeto de estudos as mulheres; os grupos vistos como minoritários e excluídos na Idade Média (como homossexuais, leprosos, bruxas etc.), as leituras medievais da Bíblia e a tecnologia medieval.

¹⁶ Disponível em <http://br.altavista.com>

¹⁷ No que concerne a estas publicações em nossa área, cabe salientar duas iniciativas brasileiras: <http://www.revistamirabilia.com/> - revista eletrônica sob a responsabilidade dos professores Ricardo da Costa, Moisés Romanazzi Torres e Adriana Zierer, e <http://www.brathair.cjb.net/> - revista eletrônica sob a responsabilidade dos professores Adriana Zierer, Álvaro Alfredo Bragança Jr., Adriene Baron Tacla, Daniela Bibiani, Luciana Campos e Moisés Romanazzi Tôres.

¹⁸ Disponível em <http://www.newadvent.org/cathen/index.html>

- i) Textos *on line*. Em muitas páginas é possível encontrar livros e artigos completos sobre assuntos diversos. Muitos já publicados em livros e periódicos.
- j) Fontes Primárias. Há um grande número de fontes primárias disponibilizadas na *Internet*. Podemos encontrar textos completos, traduzidos ou em sua língua original; edições completas de fontes, contendo, inclusive, introdução crítica, notas e história da transmissão manuscrita; páginas com *fac-símile* de manuscritos e iconografias.
- k) Listas bibliográficas. Há várias páginas na *Web* que se preocupam em apresentar inventários bibliográficos classificados por temas. Algumas foram elaboradas visando públicos bem específicos, como alunos de uma dada universidade, assim, muitas vezes acrescentam os códigos sob os quais os livros estão classificados nas bibliotecas.
- l) Material Didático para o Ensino Fundamental e Médio. Sem dúvida, encontrar material referente à Idade Média adequado aos alunos do Ensino Fundamental e Médio é uma tarefa árdua. Pensando nisso, muitas universidades mantêm, em suas páginas, seções dedicadas a este segmento, com sugestões de atividades, textos, mapas etc.
- m) Páginas de Projetos de Pesquisa em desenvolvimento. É possível acompanhar o desenrolar de investigações a partir de páginas que apresentam não só os projetos como as atualizam com as suas conclusões parciais.
- n) Páginas de Editoras e Livrarias. Acessando as páginas oficiais de editoras e livrarias é possível não só manter-se atualizado quanto aos lançamentos, como também fazer suas compras. Desta forma, os livros, ainda que demorem um pouco para chegar, possuem um custo menor do que se comprarmos nas livrarias de nossa cidade.
- o) Bibliotecas *on line*. Através da *Internet* é possível vasculhar o arquivo de muitas bibliotecas, cujo acervo encontra-se disponibilizado. Em algumas dessas bibliotecas há um serviço adicional: mediante pagamento, é claro, cópias do material ali existente podem ser enviadas para o usuário pelo correio ou mesmo pela própria *Internet*, em arquivos pdf, por exemplo.

p) Páginas de eventos acadêmicos. Tem se tornado cada vez mais comum a manutenção por equipes responsáveis pela organização de eventos, *sites* nos quais informações detalhadas sobre inscrições e programação podem ser conseguidas.

Queremos destacar, entre os instrumentos acadêmicos virtuais de estudo da Idade Média no Brasil, o Portal de Periódicos mantido pela Capes.¹⁹ Esse portal, que é de acesso gratuito nas instituições de ensino superior e de pesquisa credenciadas, reúne 11.302 periódicos com textos completos, de diferentes campos do conhecimento. Esse recurso permite o acesso a diversos materiais, sobretudo artigos recém lançados, que há cerca de 5 anos só eram adquiridos por meio de importação. No momento, entretanto, específicos sobre o medievo só existem sete revistas:²⁰ *Early Medieval Europe*; *Early Music History: Studies in Medieval and Early Modern Music*; *Journal of Medieval History*; *Medieval and Renaissance Drama in England*; *Medieval History Journal*; *Plainsong and Medieval Music*, e *Temas Medievales*. Sem dúvida esse montante deverá se expandir nos próximos anos, sobretudo com o incremento da demanda entre os estudiosos brasileiros.

Há que destacar que tais periódicos são publicados em centros anglo-saxões, ingleses ou americanos, pouco influenciados pela historiografia francesa. Esse material, juntamente com outros disponíveis na *Internet*, certamente, em médio prazo, repercutirão no medievalismo brasileiro, suscitando novas questões e temáticas de pesquisa e influenciando na escolha de referenciais teóricos e métodos e técnicas de pesquisa.

O grande volume de informações hoje disponível na *Internet* tende a crescer. De modo aparentemente paradoxal, há que lembrar que a este aspecto relaciona-se um dos problemas do uso da *Web*: muita rapidez, muitas informações e, conseqüentemente, muito pouco tempo para a reflexão das idéias ali apresentadas. Embora, evidentemente, a produção de um conhecimento crítico a partir de tais referenciais seja uma realidade, não é demais sublinhar o necessário cuidado no trato dos materiais provenientes da

¹⁹ Disponível em <http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>

²⁰ Existem materiais sobre o medievo em outros periódicos, mas com diferentes recortes temáticos, como o Gênero, a Literatura, a Demografia, a Religião, etc., reunindo trabalhos sobre diversos períodos históricos.

Internet. No caso da Idade Média ainda há outro agravante: muitas páginas que, aparentemente se dedicam a temas medievais com caráter científico, estão, na realidade, relacionadas a grupos místicos, religiosos e esotéricos.

Vale sublinhar, também, que estes novos caminhos abertos ao medievalista brasileiro, pela *Internet*, pressupõem uma nova formação. Para navegar na *Web* impõe-se como condição o domínio do inglês, língua oficial da grande maioria das listas de discussão acadêmicas e homepages, bem como o conhecimento, ainda que superficial, de alguns *softwares*, tais como os utilizados para envio de mensagens eletrônicas, editores de texto e programas de acesso à *Internet*.

Como aponta Pedro Arboledas em seu texto *El medievalismo en Internet*, "resulta evidente que la investigación en sí misma no se va a alterar con la llegada de Internet, pero sin de los medios de trabajo...".²¹ Principalmente no caso do Brasil, onde carecemos de verbas e bibliotecas especializadas e atualizadas, a *Internet* assume também a dimensão de um grande arquivo.

Com a *Web*, nosso horizonte tende a se alargar, pois por meio da *Internet* podemos romper com o isolamento e burlar limitações, mesmo com poucos recursos. Neste sentido, somos estimulados a pensar sobre novos objetos de investigação; obter fontes, referências bibliográficas, mapas; consultar dicionários e enciclopédias; enviar trabalhos para serem publicados em periódicos e/ou *sites* estrangeiros; contatar e discutir com diversos especialistas; além de podermos ter facilmente acesso também a produções historiográficas distintas da tradicionalmente predominante em nosso país.

A partir dos dados levantados, podemos concluir que o impacto da *Internet* no medievalismo brasileiro já é perceptível. Os desdobramentos de tal impacto, contudo, ainda são muito tímidos. Há muito o que ser explorado e desenvolvido. Acreditamos, portanto, que o quadro da pesquisa medieval no Brasil ainda poderá mudar muito nos próximos anos sob o impulso das potencialidades da *Internet*, sobretudo com a formação de novas gerações de pesquisadores, mais familiarizados com esse instrumento.

²¹ PORRAS ARBOLEDAS, Pedro Andrés. El medievalismo en Internet. *Medievalismo*, Madrid, v.7, n. 7, p. 342-361, 1997, p. 343.

Bibliografia

- CUNHA, M. H. R., MONGELLI, L. M., VIEIRA, Y. F., FRANCHETTI, P., IANNONE, C. A. e GOBBI, M. V. Z. (Org.). Encontro Internacional de Estudos Medievais, 1, julho de 1995, São Paulo. *Atas...* . São Paulo: USP/UNICAMP/UNESP, 1995.
- LEÃO, Ângela Vaz e BITTENCOURT, Vanda O. (Org.). Encontro Internacional de Estudos Medievais, 4, julho de 2001, Belo Horizonte. *Anais....* Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.
- FALCON, Francisco. *História Cultural*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- MACEDO, José Rivair. Atas do II Encontro Internacional de Estudos Medievais. *Humanas*. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, v. 21, n.1/2, 1998.
- MALALANA UREÑA, Antonio. La Edad Media en la Web. Fuente de información o desinformación. *Hispania: Revista Española de Historia*, v. 222, p. 59 – 108, 2006.
- MALEVAL, Maria do Amparo Tavares (Org.). Encontro Internacional de Estudos Medievais, 3, julho de 1999, Rio de Janeiro. *Atas...* . Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001.
- PORRAS ARBOLEDAS, Pedro Andrés. El medievalismo en Internet. *Medievalismo*, Madrid, v.7, n. 7, p. 342-361, 1997.
- SILVA, A. C. L. F. et SILVA, L. R. da. (Org.). Semana de Estudos Medievais, 3, Rio de Janeiro, 1995. *Anais...* Rio de Janeiro: Pem-UFRJ, 1995.
- _____. (Org.) Semana de Estudos Medievais, 4, maio de 2001, Rio de Janeiro. *Atas...* Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais, 2001.
- _____. (Org.) Semana de Estudos Medievais, 5, novembro de 2003, Rio de Janeiro. *Atas...* Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais, 2004.
- _____. (Org.) Semana de Estudos Medievais, 6, outubro de 2005, Rio de Janeiro. *Atas...* Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais, 2006.
- TELLES, Célia Marques e SOUZA, Risonete Batista (Org.). Encontro Internacional de Estudos Medievais, 5, julho de 2003, Salvador. *Anais....* Salvador: Quarteto, 2005.

Sites citados:

- <http://br.cade.yahoo.com/>
<http://scholar.google.com.br/>
<http://pages.towson.edu/duncan/acalists.html>
<http://www.ibiblio.org/usenet-i/groups-html/soc.history.medieval.html>
<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>
www.tile.net/lists
<http://www.google.com.br/>
<http://www.dogpile.com/>
<http://br.altavista.com>
<http://www.newadvent.org/cathen/index.html>